Apresentação

Tânia Celeste Matos Nunes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NUNES, T. C. M. Apresentação. In: *Democracia no ensino e nas instituições: a face pedagógica do SUS* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007, pp. 13-16. ISBN: 978-85-7541-530-6.

Available from: doi: [10.7476/9788575415306](https://doi.org/10.7476/9788575415306). Also available in ePUB from:

<http://books.scielo.org/id/7p3wt/epub/nunes-9788575415306.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

A apresentação

A produção e organização deste livro corresponde a um sentimento gratificante de recuperação de uma trajetória cuja marca principal foi a aliança entre a técnica, a política, e a renovação da produção de conhecimento, em movimentos peculiares guiados pela busca da democracia em uma dada conjuntura da sociedade brasileira. Foi um tempo de grandes dificuldades políticas provocadas pelo regime ditatorial, enfrentadas com esperança, engajamento e luta, pelo movimento das forças progressistas que se uniram em torno da saúde pública. Um tempo de descobertas e de revelação de 'artífices e arquitetos' de uma 'nova saúde pública' e de uma 'nova educação na saúde', cuja inspiração principal era a busca por uma nova sociedade.

A democracia foi o lema que se colocou como 'motor' das associações de grupos, equipes, instituições e entidades, dando conteúdo e identidade a um movimento que se consolidou também pelo avanço do conhecimento e pelo aprofundamento de métodos pertinentes aos objetos da saúde pública, que também se construía com uma nova face.

Escolas, universidades, associações profissionais, centros de estudos e serviços de saúde foram atores fundamentais desse processo. Dos espaços de trabalho brotavam sentimentos e ações, que se enfrentavam com as dificuldades e as contradições existentes nos projetos e instituições, constituindo relações que iam, aos poucos, concretizando uma nova identidade para a saúde pública brasileira.

Não foram poucos os movimentos cuidadosos de lideranças, no reconhecimento e apoio a jovens grupos progressistas e de adoção de abordagens politizadas na formação de elos entre esses grupos e instituições, tecendo, em cada passo, os pontos de união do que seria um embrião de rede. A criação de formatos específicos de reuniões, os levantamentos, textos, as alianças entre

órgãos de governo e entidades de profissionais foram passos apropriados ao alargamento das possibilidades de construção de um novo olhar para o campo de saber e prática da saúde pública, nesse período, também reconcebida, no interior desse movimento, como saúde coletiva.

Longe de se constituir em um caminho errático de jovens profissionais, a relação entre instituições, pessoas e entidades foi, aos poucos, possibilitando a estruturação de projetos que renovaram as instituições e as pessoas, constituindo uma massa crítica de profissionais formados para atuar nessa realidade, problematizada e reconstruída com a atuação do próprio movimento.

Algumas instituições escolares foram ativas na articulação com os órgãos de formulação de políticas e de prestação de serviços de saúde, relacionando-se de forma crítica com os contextos, e neles intervindo na direção instituída pelo movimento democrático. Nesse sentido, as décadas de 70 e 80 foram exemplares na possibilidade de criação. As escolas de saúde pública e as suas produções relacionadas às políticas de saúde elaboraram um importante exercício de crítica que culminou em mudanças estruturais na organização não apenas dos serviços de saúde, mas, sobretudo, das bases democráticas de funcionamento dos serviços de atenção e da sociedade. As diferentes estratégias das instituições escolares, portanto, envolveram o desenvolvimento de programas e de experiências concretas comprometidas com as mudanças políticas do regime em vigor.

O sentimento de pertencimento foi uma marca fundamental daquela época e o desenvolvimento de uma tese de doutorado foi o caminho mais adequado que encontrei para compreender as origens desse sentimento e sistematizar fatos vivenciados naquele período que deram origem a ele. Estes episódios adquiriram um significado político-institucional cada vez maior no movimento que culminou na organização do Sistema Único de Saúde (SUS), na segunda metade da década de 80.

Este livro trata deste movimento político-institucional a partir das experiências de formação de sanitaristas vivenciadas pelo pessoal da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (Ensp/Fiocruz). De início, o papel da Ensp nesta trajetória de reorganização da saúde pública brasileira nos permitiu refletir de forma crítica sobre as teorias e as práticas que fizeram parte do cotidiano das instituições de ensino e de saúde no período estudado de 1970/1989.

O passo seguinte foi incorporar as experiências da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP), herdeira da tradição do Instituto de Higiene fundado no quadro do acordo de cooperação técnica do estado de São Paulo com a Fundação Rockefeller, ainda no início do século XX. Esta instituição exerceu grande influência na formação de pessoal de saúde e teve

também papel de destaque no processo de reorganização do sistema de saúde brasileiro a partir dos anos 70.

O livro está organizado em três capítulos. O primeiro procura construir historicamente o amplo processo em torno do qual se desenvolveu um rico debate, entre trabalhadores, intelectuais e representantes do estado, acerca da reorientação da saúde pública no Brasil e a constituição de um sistema de saúde que tivesse alcance universal no período estudado. O segundo capítulo pretende recuperar a discussão a respeito das principais teorias e fenômenos educativos identificados nos materiais pesquisados e nas entrevistas realizadas, contribuindo para a eleição de categorias de análise pertinentes ao recorte adotado.

Os resultados estão expressos em períodos e integram o terceiro capítulo. Este procura revelar o processo de reorganização das escolas que se associou aos avanços das políticas de saúde até a criação e institucionalização do SUS, no ano de 1990. Nesse segmento destaca-se a importância da integração entre os cursos, as escolas e a Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco), que abriu espaços para uma expansão nacional da formação de sanitaristas, acompanhada por processos políticos e científicos fundamentais à sua consolidação. A aproximação entre os serviços e o ensino favoreceu, ainda, o surgimento da estratégia das Ações Integradas de Saúde, as AIS, e deu forma ao embrião do que viria a ser, mais adiante, o SUS.

Nas considerações finais, revela-se a existência de uma rede nacional de formação em saúde pública, tecida justamente ao longo desse período. Discute-se que os embates, os processos associativos e as diferentes abordagens adotadas pelo movimento de renovação do ensino da saúde pública, mediado tanto pela Abrasco como pelo Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes), favoreceram a construção de um ambiente propício à prática democrática, desde então incorporada às estruturas de gestão do SUS brasileiro.

Esperamos que as análises e reflexões aqui apresentadas possam contribuir para o entendimento do potencial transformador exercido pela Ensp e pela FSP/USP, quando os docentes projetaram suas ações para além dos currículos e dos mapas escolares, fazendo dos programas um instrumento de engajamento crítico de intervenção em uma determinada realidade.

Agradeço aos companheiros que integraram as experiências aqui relatadas, na Abrasco, no Cebes e por dentro do Estado, nas trincheiras que foram abertas nesse período. Com eles aprendi, desde a experiência do Programa de Preparação Estratégica de Pessoal de Saúde (Ppreps), a labutar com criatividade, politização e esperança.

À Ensp e à FSP/USP, pela generosidade na disponibilização dos dados, e aos entrevistados, pela riqueza de informações, carregadas também de emoção.

Aos muitos amigos e familiares, em especial a Anete Barreto, Rita Sório, Inês Martins e Carlos Henrique, pela disponibilidade e pelas revisões essenciais.

À equipe da Editora Fiocruz, em especial a Maria Cecília Moreira e a João Carlos Canossa Mendes.

A Lúcia Lima e Ivonaide, pela carinhosa e dedicada retarguarda.

A Jairnilson Paim e Mario Hamilton, meus mestres nos caminhos da saúde pública e na construção deste trabalho, pelos sábios e consistentes ensinamentos e grande companheirismo.